**Entrega da tarefa: Síntese da disciplina**

**Introdução**

É indispensável para bem compreender o Apocalipse, reinseri-lo no ambiente histórico que lhe deu origem: um período de perturbações e de perseguições à Igreja nascente. Pois, do mesmo modo como os apocalipses que o precederam, especialmente o de Daniel, e nos quais claramente se inspira, o Apocalipse cristão é um escrito de circunstância, destinado a reerguer e a robustecer o ânimo dos cristãos ameaçados pela perseguição desencadeada contra a Igreja daquele que afirmara: *“Não temais, eu venci o mundo”* (Jo 16, 33). Collins (2010, p. 388) nota que não está muito claro que o Apocalipse de João tenha sido escrito em uma época de intensa perseguição na Ásia Menor. Ressalva-se a morte violenta de Antipas, citado em Ap 2,13. A crise descrita é principalmente um conflito ideológico que surge da rejeição absoluta por parte de João das reivindicações de poder pelo Império Romano.

Para alcançar este objetivo, João retoma os grandes temas proféticos tradicionais judaicos, principalmente o do “Grande Dia de Javé”: aos eleitos de Deus, dispersos e quase destruídos pelas perseguições, os profetas anunciaram o dia da salvação que estava próximo e no qual Deus viria libertar o seu povo das mãos dos opressores, devolvendo-lhes não apenas a liberdade, mas também poderio e domínio sobre seus inimigos que seriam castigados e destruídos. A profecia era uma categoria ampla nos mundos helenístico e romano; poderia abranger vários tipos de revelação, inclusive a que chamamos de apocalíptica. A literatura apocalíptica pode ser considerada como uma forma de profecia, mas, mesmo assim, é dela distinta (COLLINS, 2010).

**Uma análise textual do Apocalipse**

A estrutura do livro do Apocalipse sempre foi alvo de grandes discussões. A parte propriamente visionária (Ap. 4,1-22,5) poderia ser dividida em dois blocos, com o segundo começando no capítulo 12. A narrativa do Dragão e da Mulher (Ap 12) é central dentro da obra, com que concorda o Professor Nogueira, tanto por ser a porta da abertura para o segundo ciclo de visões do profeta (2,1-22,5), quanto para explicar o mito de combate, que formaria a estrutura básica do livro de João (MIRANDA, 2011, p. 32).

A visão inaugural do Apocalipse nos capítulo 4 e 5 descreve a majestade de Deus que reina no céu, senhor absoluto dos destinos humanos e que entrega ao Cordeiro o livro da vida. Os capítulos 6-9 formam um conjunto. Aqui, o Cordeiro[[1]](#footnote-1), já introduzido no capítulo 5, rompe os sete selos que fecham o livro, revelando o projeto que Deus guarda para a humanidade e a comunidade dos santos. A cada selo corresponde uma revelação, até o sétimo que, em vez de encerrar a série, se desdobra no grupo de sete trombetas. Como os selos, cada trombeta está relacionada a um acontecimento, numa escala crescente de intensidade, que culmina com a audição de um hino que comemora o reinado do Cordeiro e a abertura do santuário celestial (MIRANDA, 2011, p. 36-37).

O capítulo 6 inicia uma nova unidade do Apocalipse, a seção dos selos ou pelo menos dos seis primeiros selos (6,1-7,17). Mas podemos considerar também, como faz a Bíblia de Jerusalém, que os capítulos 6 a 9 formariam uma unidade. Seu núcleo é Jesus, o Cordeiro imolado, que vai revelar como é a história da humanidade. A partir do capítulo 6 e até o final do livro, toda a narrativa do Apocalipse de João vai se estruturar na execução de 3 ciclos de pragas (7 selos, 7 trombetas, 7 taças), apresentação e eliminação dos inimigos escatológicos (o dragão, a besta do mar e a besta da terra) e a descrição do mundo de bem-aventuranças (Nova Jerusalém, Novos Céus e Nova Terra).

Uma das marcas registradas da apocalíptica é a crítica dos poderes estabelecidos e a visão de um novo tempo de justiça e de paz. Mas falar da crítica política destes textos sem entender a forma como concebem a estrutura do cosmo e a fonte de todo o poder como sendo de origem celeste, incorre no risco de não apreender a força de sua concepção de mundo. Na verdade, ao serem transportados ao mundo celestial, os visionários apocalípticos, como João, podem conhecer o verdadeiro mundo onde as coisas são decididas. Por isso, contemplar o trono de Deus, como aconteceu com João, é dimensionar adequadamente as relações de poder no cosmo (NOGUEIRA, 2008, p. 49-50).

No Apocalipse, os cavalos e seus cavaleiros[[2]](#footnote-2) representam forças positivas ou negativas que atuam na história. Eles simbolizam estruturas sociais que, aos poucos, vão levando a humanidade para a morte:

Na história da interpretação, os cavaleiros foram entendidos como eventos e poderes, passados e futuros. Mas o fato de virem em um conjunto de quatro cavaleiros, enviados pelos anjos da mesma forma com um “Vem!” e estando todos armados, mostra que eles retratam em conjunto uma realidade de guerra. Estes cavaleiros representam de forma espetacular os diferentes aspectos da opressão militar no mundo mediterrâneo: dominação, morte violenta, fome, peste. O fato de eles abrirem o ciclo das pragas é muito sugestivo e aponta para a atualidade dessas visões. (NOGUEIRA, 2008, p. 98-99).

Todos os ciclos de desgraças são como que convocados pelos quatro cavaleiros. A linguagem apocalíptica integra e inverte os elementos da narrativa. A apresentação dos cavaleiros é comandada pelo Cordeiro e seus anjos. A estes quatro selos, os dos quatro cavaleiros, segue-se um quinto selo, e nele encontramos cristãos mortos, vítimas sob o altar celeste que descrevemos anteriormente. Ou seja, a realidade de que trata o Apocalipse, descrita com densidade simbólica e mítica, é tão determinante que ela não permite que a narrativa a isole (NOGUEIRA, 2008, p. 99). O mal da violência militar é de tal força demoníaca que atinge a todos indiscriminadamente. As pragas eram destinadas para os ímpios, mas atingem, também os santos. O que resguarda os mortos do grupo de João é a identidade com o Cordeiro.

O cavaleiro que monta o primeiro cavalo, de cor branca, possui uma arma de guerra. É, portanto, uma força negativa, geradora de morte. Na época do Apocalipse, no final do século I, os partos, cuja arma característica era o arco, eram terror do mundo romano. Eles criavam cavalos brancos para a guerra e eram chamados de “feras da terra” (Ap 6,8). Os partos eram uma ameaça constante. O primeiro cavalo, pois, simboliza a ganância. As relações sociais injustas possuem sua origem na cobiça e no desejo de dominar. Um dos quatro Seres Viventes[[3]](#footnote-3) desmascara a ganância, dizendo: *“Venha!”* ou, em outras palavras, *“Mostre-se”*, para que os leitores-ouvintes possam tomar consciência (BORTOLINI, 2016, p. 58-59).

O segundo cavalo é vermelho, ou seja, derrama sangue pela violência da espada. A espada era a arma tipicamente romana. Por meio da violência, o imperialismo romano impunha a sua paz no mundo, a *pax romana*. Era a paz dos cemitérios. Ninguém podia se opor a ela, sob a ameaça de risco de morte. O Apocalipse lhe faz uma crítica feroz, dizendo que o segundo cavaleiro *“tira a paz da terra”*, pois se impõe pela violência, roubando a liberdade dos povos. Critica-se aqui a dominação política que se impõe pela ganância do poder. A violência é filha da ganância. Chega-se a matar uns aos outros, quando a ganância regula as relações sociais (BORTOLINI, 2016, p. 59).

O terceiro cavaleiro, que monta o cavalo negro, esvazia o bolso do povo. A ganância gera a violência e esta provoca a exploração econômica. É o poder da balança, símbolo dos racionamentos, dos preços exorbitantes e da própria fome. Quem desmascara o poder da balança é a denúncia profética que se levanta, a voz que vem do meio dos 4 Seres Viventes. Mas ninguém danifica o óleo e o vinho. É que o imperialismo romano expropriou todas as terras dos povos conquistados, destinadas, então, para a produção de óleo e vinho. Desapareceu a pequena propriedade produtora de trigo e cevada, comida dos pobres, que alcançou, assim, preços exorbitantes (BORTOLINI, 2016, p. 60).

O quarto cavalo, esverdeado, e seu cavaleiro representam a morte. Mas não é a morte como condição natural de todo mortal, mas sim a morte violenta, provocada pelas estruturas que passam pela ganância (primeiro cavalo), pela violência (segundo cavalo) e pela exploração econômica (terceiro cavalo). Este cavalo é esverdeado, cor do cadáver de quem morreu de peste. Este quarto cavalo é acompanhado de uma cavalaria infernal, o mundo dos mortos, semeando a morte no meio do povo. Mas a morte não terá a última palavra. Ela acaba com ¼ da humanidade, o que denota parcialidade (BORTOLINI, 2016, p. 60-61).

A expressão *“E vi, e eis que...”* aparece cinco vezes no Apocalipse. Nas três primeiras aparições, ela introduz três cavalos. Apenas o segundo selo, o do cavalo vermelho, não foi introduzido por essa expressão. Na última vez que ocorre no livro de João, ela apresenta o Filho do Homem que está sentado sobre uma nuvem com uma foice afiada na mão, pronto para fazer a colheita escatológica (Ap 14,14). De forma isolada, entretanto, *“E vi”* parece ser uma forma típica de transição. João a usou 32 vezes no seu livro, geralmente transitando de uma imagem para outra, de uma visão para outra. Fora do Apocalipse, tal recurso foi pouco usado. Isso poderia sinalizar que o recurso é peculiar a João.

O dragão e as duas bestas que aparecem a partir do capítulo 13 se colocam na mesma linha de animais que representam forças negativas que atuam na história. O dragão, a primeira e a segunda bestas são uma caricatura da Trindade (cf. Bíblia de Jerusalém): o Pai, o Filho e o Espírito, respectivamente. Toda propaganda que diviniza pessoas ou coisas é blasfêmia contra o Deus vivo. Os leitores-ouvintes do Apocalipse entendiam muito bem essas metáforas e símbolos. As cidades da Ásia Menor, onde viviam, estavam cheias de templos onde se praticava o culto imperial, principalmente em Pérgamo.

A principal crise com o Estado nos tempos de João, assim, parece residir na questão do culto imperial. Isso porque aqueles que se recusassem a participar poderiam ser olhados com suspeição e hostilidade pela população local, já que o culto era uma expressão da coesão e da ordem social e política. Para propósitos imperiais, ela servia como uma expressão de lealdade e gratidão da parte dos cidadãos. Já para João, o culto se revelava sinal de fidelidade ao adversário do Cordeiro, o grande dragão (MIRANDA, 2011, p. 21).

**O Apocalipse na recepção do texto: uma leitura ética e catártica**

Há o que lê (no singular) o Apocalipse e os que ouvem e praticam (no plural). A *expressão “o que lê”* tem a ver com as possibilidades de circulação e leitura de textos no mundo antigo e com o texto de leitura de textos nas comunidades cristãs dos primeiros séculos. Isto quer dizer que o Apocalipse seria lido por um líder, provavelmente numa cerimônia de culto. Por isso, o leitor é apresentado no singular. Os demais são *“os que ouvem e praticam”* (NOGUEIRA, 2008, p. 77).

Os leitores comuns do Apocalipse de João tendem a interpretar os ciclos de pragas como a sequência linear de acontecimentos do tempo escatológico. É como se antes que o final dos tempos viesse, todas as pragas teriam que se realizar. A História da recepção do texto propõe uma interpretação alternativa, não enfatizando a linearidade das ações, mas uma repetição crescente, que, de fato elava o leitor a sincronizar diferentes aspectos problemáticos de sua realidade.

Como afirma Nogueira (2008, p. 89), no carrossel de pragas que enfatizam morte, destruição e sofrimento na política, na guerra, na idolatria, na natureza, o leitor é colocado diante de um quadro em movimento que lhe permite interligar as coisas, relacionar política e ecologia, guerra e idolatria, ao modo do pensamento mítico:

Há sim progressão na narrativa, e um clímax no final do último ciclo de pragas, mas esta função é secundária ao provocar uma compreensão multifacetada do mundo. Temos de fato três sequências de pragas no livro, mas elas não se seguem umas às outras. Na verdade, uma está contida na outra. Uma potencialmente tem todas as outras. (NOGUEIRA, 2008, p. 89).

Se na estrutura do texto, as pragas não são lineares, o mesmo podemos dizer sobre os âmbitos de sua atuação e sobre seus efeitos. Não são fatos acontecidos ou a acontecer, mas âmbitos da realidade humana que para João tornam insuportável a existência. O que nos chama a atenção no texto é a forma como os problemas da sociedade são apresentados integradamente: “As ações humanas são más, as potências são opressoras, os demônios são muitos, a natureza é inóspita. E a punição e a libertação divinas sobre o mundo abrangem todos estes âmbitos.” (NOGUEIRA, 2008, 92). Calcular eventos ou tempos em que estas pragas teriam acontecido ou viriam acontecer é deixar de levar em consideração a linguagem mítica em que o Apocalipse foi concebido.

A salvação escatológica está relacionada com a origem do mal no tempo primordial. Deus, ao julgar o mundo executando as pragas, está lutando contra as forças do caos que se instalaram no cosmo e na sociedade. Todos os âmbitos da existência humana estão envolvidos no combate entre as forças divinas e o caos destruidor. (NOGUEIRA, 2008, p. 92).

João mergulha seu leitor-ouvinte em imagens que espelham a violência vivenciada por eles no cotidiano. Entender os objetivos pelos quais o Apocalipse foi redigido é difícil para o leitor moderno, pois dizer que o livro traz consolo e esperança não condiz com as imagens fortes e violentas que encontramos ali. É verdade que o Apocalipse tinha este objetivo, mas para aqueles leitores, dentro do seu horizonte de compreensão. O Deus desta obra não é todo caracterizado por amor e perdão. A divisão entre seus “santos” e os pecadores está definitivamente estabelecida (NOGUEIRA, 2008). O mundo é divido entre forças do bem e forças do mal e esta tensão é irreconciliável, sendo o final dos tempos é apenas a vitória do bem com a total erradicação do mal.

**Uma leitura ética e catártica de Ap 19,11-21**

No Ap 19, 11-21, celebra-se a vitória de Jesus sobre as forças do mal (dualismo) no primeiro combate escatológico. Depois de desaparecer a grande cidade, agora são destruídos a besta e o falso profeta, o dragão e a própria morte. Trata-se aqui de um grande mosaico onde são recolhidas citações e imagens anteriores. Com isso, João oferece um quadro completo de Jesus, o Cordeiro guerreiro que, junto com as comunidades proféticas, vence e destrói para sempre os seus inimigos (BORTOLINI, 2016). As portas do céu são agora escancaradas. Jesus aparece montado em um cavalo e com um manto embebido no sangue dos inimigos: *“Ele julga e combate com justiça”, “Seus olhos são chama de fogo*” (Ele discerne o pensamento das pessoas), *“sobre sua cabeça há muitos diademas”* (Ele é todo-poderoso), *“Ele traz escrito um nome que ninguém conhece, a não ser ele mesmo”* (É impossível querer descrever com palavras ou imagens tudo o que Jesus é). Com sua palavra e com o testemunho dos que lhe são fieis, Jesus esmaga o mal (Ele pisa o lagar do vinho do furor da ira de Deus) juntamente com o exército dos mártires vestidos de branco.

Um anjo convida para o banquete macabro, verdadeiro massacre inspirado em Ezequiel 39,17, mostrando a destruição total das forças idolátricas e daquilo que a sustenta. É a realização do que já havia aparecido na abertura do sexto selo. O banquete é chamado de “banquete de Deus” porque Ele é quem faz justiça e vence por meio do anúncio da boa nova. Agora, nos versos 19-21 chegamos ao combate final: *“Vi, então, a besta reunida com os reis da terra e com seus exércitos, para guerrear contra o Cordeiro e seu exército”.* Trata-se de uma batalha-relâmpago, sem detalhes, cujo resultado logo aparece: *“A besta foi presa junto com o falso profeta que operava maravilhas na presença da besta... Tanto a besta quanto o falso profeta foram jogados vivos no lago de fogo, que ardia com enxofre.”* Lago de fogo, ardendo em enxofre, é a imagem da destruição total, o castigo eterno (BORTOLINI, 2016). Temos aqui um jogo de imaginação que desperta fortes emoções, geralmente de admiração e medo. São imagens fortes e dualistas que atingem neste ponto do livro o ápice de um processo catártico. Ele descarrega energias distintas e experimenta o sagrado no limite de uma linguagem do violento, do fantástico e até do monstruoso.

**Considerações Finais**

Mas por que ler o Apocalipse de João? Independente se as esperanças de seus primeiros leitores-ouvintes frustraram ou não, é interessante nos debruçarmos nas formas catárticas de expressão desta obra. Se escreveu para dar consolo e esperança para o seu grupo, João não faz isso como fazem as religiões dos nossos dias. Para falar de esperança, o visionário destrincha o presente nas suas dores e sofrimentos, recorre a um realismo bizarro, abre e expõe as feridas sem piedade. Todo o Apocalipse é um ruminar amargo de sofrimento humano e cósmico. Ele marca a sua obra com o apelo de *“sê fiel até a morte”* e adverte que dar “testemunho” (*Marturia*, em grego) conduz à morte. Martírio significava na sua época apenas *testemunha*.

Daí a enorme possibilidade de atualização desse texto por meio de diálogos com a cultura contemporânea (pintura, cinema, literatura, etc.) provocando fortes reações emocionais ainda hoje. Podemos, então, extrair do que falamos duas conclusões importantes: 1) o Apocalipse é uma poesia narrativa cheia de metáforas que nos convida a participar e interpretar o seu jogo labiríntico. 2) sua relação com o mundo contemporâneo, já que é um texto lido e relido por nós, pois então ele é nosso, ele fala para o nosso tempo. Exatamente por isso, o Apocalipse tem uma surpreendente capacidade mítica de integrar temas diversos: religião, política, ecologia, sentimentos, etc. É de uma fabulosa riqueza narrativa, social e psicológica.

**Referências**

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2008.

BORTOLINI, José. Como ler o Apocalipse: resistir e denunciar. São Paulo: Paulus, 2016.

COLLINS, John J. A imaginação apocalíptica. São Paulo: Paulus, 2010.

MIRANDA, Valtair Afonso. O Caminho do Cordeiro. São Paulo: Paulus, 2011.

NOGUEIRA, Paulo. O que é Apocalipse. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.

1. O Cordeiro aqui não é um messias guerreiro, não tem analogia com guerras e sim com o sacrifício e a morte. Isso parece que João, em sua visão, está não apenas evocando tradições, mas atualizando-as e interpretando-as a partir de novos referenciais. A partir de Ap 5,4, a figura do Cordeiro domina o restante da obra. O termo grego aparece no Novo testamento 30 vezes, apenas uma ocorrência está fora do Apocalipse, seguindo Miranda (45). [↑](#footnote-ref-1)
2. Os quatro cavaleiros desta primeira visão são inspirados em Zacarias. [↑](#footnote-ref-2)
3. Os quatro Seres Viventes que faziam parte da Corte Celestial são um simbolismo inspirado em Ezequiel 1,5-21. Estes Seres são os quatro anjos que presidem ao governo do mundo físico: quatro é número cósmico (os pontos cardeais, os ventos). Seus numerosos olhos simbolizam a ciência universal e a providência de Deus. Eles adoram a Deus e o glorificam por sua obra criadora. Suas formas (leão, novilho, homem, águia) representam o que há de mais nobre, de mais forte, de mais sábio e de mais ágil da criação. Desde Irineu, a tradição cristã viu neles o símbolo dos quatro evangelistas. [↑](#footnote-ref-3)